



AHORA

FAÇA SUA
ASSINATURA

☎ 51 3710.4200

📞 51 99253.5508

grupoahora.net.br

ANÁLISE, CURADORIA E OPINIÃO DE VALOR

Fim de semana, 18 e 19 maio 2024 | Ano 21 - Nº 3569 | R\$ 5,00 (dia útil) R\$ 9,00 (fim de semana)

ALDO LOPES

SAÍDAS EM MEIO AO CAOS

O CAMINHO
PARA O VALE SE
RECUPERAR DA MAIOR
CATÁSTROFE NATURAL
DA HISTÓRIA



Opiniãoanálise



rodrigomartini@grupoahora.net.br
RODRIGO MARTINI



Compre o que é nosso!

Foi assim na pandemia, e precisa ser assim após a catastrófica enchente que matou 36 pessoas e deixou ao menos 31 desaparecidos só no Vale do Taquari. É primordial alimentar a economia estadual para estancar a sangria e salvar o que restou. E a forma mais eficaz é consumir produtos locais e prestigiar os serviços dos profissionais gaúchos. Neste sentido, o Grupo A Hora iniciou a campanha Vale Vivo para provocar novos investimentos e potencializar o empreendedorismo regional por parte de quem não sofreu – ou sofreu menos – com a cheia. Um movimento importante, e que pode ser expandido a



todo o Rio Grande do Sul. Aliás, é possível romper as barreiras do estado. E vejam só. Há bons exemplos em Santa Catarina,



onde alguns supermercados (na foto, um estabelecimento em Garopaba) já fomentam o apoio ao aguerrido povo gaúcho.



O colapso e as rotinas

Os engarrafamentos precisam servir de combustível para uma mudança cultural. Enquanto não retomarmos as conexões entre cidades será necessário mudar rotinas. Uma das ações é rever utilização dos veículos. Em um momento de colapso logístico, é aconselhável o compartilhamento do transporte. Ou seja, buscar ou oferecer carona. Outra sugestão é a mudança de horários em determinadas indústrias, empresas e, também, na Universidade do Vale do Taquari (Univates). Não é plausível esperar que todos se desloquem em um mesmo momento para “bater o cartão”.

Informação, alerta e cotas

Não é momento de apontar culpados e aclarar os erros e movimentos negligentes por parte de quem deveria garantir um mínimo de segurança à população em âmbito estadual e federal. Haverá tempo e momentos mais oportunos para desenhar os graves lapsos. Mas, e diante da proximidade assustadora entre os eventos de setembro de 2023 e abril/maio de 2024, é preciso correr para garantir modelos eficazes de monitoramento dos afluentes e do Rio Taquari. Não podemos aceitar tanto amadorismo e imprecisão. Sem falar na mediocridade dos alertas e na pachorra do socorro.

Como serão as eleições?



Conversei com diversos agentes políticos e muitos compactuam com uma dúvida: afinal, como serão as eleições municipais de outubro? Diante da vitrine colossal disponibilizada aos atuais gestores – e por consequência aos eventuais candidatos à sucessão –, e das cifras milionárias que serão entregues para os prefeitos manusearem, alguns líderes partidários sugerem a suspensão do pleito. Outros sustentam a necessidade de protelar em poucos meses o aguardado dia da votação – e eu concordo –, e assim devolver um mínimo de isonomia e equilíbrio entre situacionistas e opositores. E há quem não veja empecilho em manter o dia seis de outubro

como o dia “D” para a escolha dos futuros prefeitos e vereadores. Da mesma forma, e diante da possibilidade de milhares de eleitores ainda restarem desalojados, os marqueteiros reavaliam as estratégias. Fato é: tudo vai mudar a partir da trágica enchente. Inclusive as coligações, é claro. Aliás, um lembrete: na quarta-feira passada as empresas ou entidades cadastradas no TSE para prestar serviço de financiamento coletivo de campanhas foram autorizadas a arrecadar recursos. A prática também é conhecida como crowdfunding ou “vaquinha virtual”. Mas será que há clima para tal? E para usar o Fundo Eleitoral?

“Lugar bonito é lugar perigoso”, mesmo!

A frase acima foi título do artigo publicado no dia 20 de fevereiro. Mas a descomplicada frase não é de minha autoria. Ela pertence a um dos mais renomados especialistas em desastres naturais e cuja palestra realizada dias antes daquela publicação, em Muçum, chamou a atenção de poucas pessoas. “Lugar bonito é lugar perigoso”, avisava o japonês Masato Kobiyama, nascido em Kitakata, no Estado de Fukushima, e “brasileiro” desde 1991. Professor do Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) da Ufrgs, ele também faz parte da coordenação da Comissão Técnica de Desastres da Associação Brasileira de Recursos Hídricos. E ele foi direto. Além das inundações, avisou, precisamos estar muito atentos aos deslizamentos de terra, especialmente com a urbanização junto às encostas. Eu só não imaginava que a realidade bateria tão cedo – e tão forte – em nossa porta...

TIRO CURTO

- Não foram poucas as matérias cobrando pavimentação na ERS-129 entre Roca Sales e Colinas. Pois bem. Após a tragédia, a rodovia estadual passou a ser a principal ligação rodoviária entre as regiões alta e baixa do Vale do Taquari. E a omissão do passado compromete a solução do presente.
- A Empresa Pública de Logística Estrela, a E-Log, cuja missão era devolver movimentação ao porto e ao Aeródromo Regional localizados em Estrela, perdeu o sentido com a destruição de ambas as estruturas. E o chefe do Executivo já sinaliza com a provável extinção.
- O Ministério Público investiga eventuais aumentos abusivos de preços em meio ao pior desastre natural da nossa história, especialmente de itens básicos e necessários à sobrevivência e dignidade das pessoas mais impactadas pela trágica enchente da semana passada.
- O governo de Estrela oferece cerca de quatro mil metros quadrados de área seca (ou não inundável) dentro do antigo prédio da Cervejaria Polar para novos – ou velhos – empreendimentos.
- Já o governo federal prometeu R\$ 50 bilhões entre repasses e empréstimos aos gaúchos. Ainda é pouco. Mas é um avanço. Além disso, anuncia a suspensão do pagamento da dívida do RS com a União pelo período de 36 meses. Também é pouco. Mas é outro avanço.
- “Vale Vivo”, “Juntos pela ponte”, “Reconstruir Cruzeiro do Sul”, “Uma casa por dia” e outros tantos movimentos populares serão de suma importância para restabelecer a ordem e a pujança do Vale do Taquari. Parabéns e todos os voluntários que pensam e agem neste momento de dor.
- Arquitetos ligados ao Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) do Rio Grande do Sul assinam um manifesto com sugestões para a reurbanização das cidades mais atingidas pelas enchentes de 2023 e 2024. Entre as providências, destaque à criação de um Plano Diretor Regional.
- Em tempo, e por ora, a 31ª Expovale está confirmada para novembro, no Parque do Imigrante.

ABALO REGIONAL

A FÚRIA DEVASTADORA DAS ÁGUAS

Rio Taquari alcança recorde histórico, bate 34 metros em Estrela. A velocidade da correnteza destrói casas, empresas, lavouras e cidades quase inteiras. São pelo menos 36 óbitos na região e há mais de 30 ainda desaparecidos

Filipe Faleiro
filipe@grupoahora.net.br

VALE DO TAQUARI

“Não teve o que fazer. Quando eu vi, a água estava entrando dentro de casa. Tive de sair só com uma mochila e algumas roupas”, relembra o morador de Lajeado, Israel Wolf. “Minha vó ficou dois dias em cima do telhado em Cruzeiro do Sul. Eu fiquei desesperada, achei que ela não ia resistir”, conta Fernanda Friedrich. “Aqui em casa a água



“Não teve o que fazer. Quando eu vi, a água estava entrando dentro de casa. Tive de sair só com uma mochila e algumas roupas”

ISRAEL WOLF



“Minha vó ficou dois dias em cima do telhado em Cruzeiro do Sul. Eu fiquei desesperada, achei que ela não ia resistir”

FERNANDA FRIEDRICH

nunca tinha chegado. Não pensei que ia subir tanto”, lamenta Suan Pablo. “Aquele cenário de guerra de novo, como de setembro. Mas foi ainda pior”, compara a moradora de Roca Sales, Cecília Magedanz. As quatro histórias são uma fração de todo o drama vivido pela comunidade do Vale. Entre o fim de abril até 6 de maio, os rios e arroios da bacia hidrográfica do Taquari\Antas alcançaram recordes de vazão de água e consequente nível de inundação.

Como resultado, mais de 60 mil pessoas foram atingidas pelas enchentes, com pelo menos 30 mil imóveis atingidos. Conforme apuração nos municípios, cerca de 23,3 mil pessoas ficaram desabrigadas. Até agora, são pelo menos 36 óbitos confirmados e ainda há mais de 30 desaparecidos. No dia 2 de maio, o Rio Taquari bateu o recorde de elevação. Passou dos 34 metros em Estrela, na medição topográfica feita pela administração municipal.



No Vale do Taquari, acumulado de chuva passou dos mil milímetros do dia 25 de abril até 15 de maio. Excesso trouxe perdas humanas, sociais, econômicas e ambientais. Mais de 30 cidades da região decretaram calamidade

Do aviso à tragédia

25 DE ABRIL (QUINTA-FEIRA)

A MetSul Meteorologia alerta para um cenário de grave risco com chuva extrema.

29 DE ABRIL (SEGUNDA-FEIRA)

O Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) emitiu o primeiro alerta vermelho de volume elevado de chuva. As chuvas intensas e contínuas começaram a afetar áreas no Vale do Rio Pardo. As primeiras imagens da inundação aconteceram em Sinimbu. No dia, a região tem quedas de barreira em diversos pontos, entre elas na ERS-129, em Encantado.

30 DE ABRIL (TERÇA-FEIRA)

As inundações começam na parte baixa do Vale do Taquari. No dia, a medição no Forqueta, entre Progresso e Travesseiro tem o maior volume de chuvas da região. São mais de 150 milímetros no Rio Forqueta. A água invade os municípios de Marques de Souza, Travesseiro, Forquetinha, Arroio do Meio e Progresso. A ponte entre Marques de Souza e Travesseiro foi destruída. Na parte alta, o Rio Taquari começou a subir mais de um metro por hora em Roca Sales. Neste dia, houve a queda de uma barreira na BR-386, em Pouso Novo. À noite, a cota foi de 22,85 metros na medição em Estrela e Lajeado. As primeiras cinco mortes da tragédia foram registradas. Duas na região, em Paverama.

1º DE MAIO (QUARTA-FEIRA)

Ao todo, 31 cidades do Vale do Taquari decretam calamidade pública. O governador Eduardo Leite liga para o presidente Lula e pede socorro imediato. A chuva intensa é registrada em mais de 340 cidades gaúchas. Deste total, 265 tiveram decreto de calamidade pública.

2 DE MAIO (QUINTA-FEIRA)

O número de mortes aumenta. Foram mais 19 óbitos em 24 horas. Parte da ponte da ERS-130, entre Lajeado e Arroio do Meio, é levada pela força do Rio Forqueta. A Ponte de Ferro, também entre os dois municípios, foi destruída. A cabeceira da ponte seca, entre Lajeado e Estrela é danificada. A água chegou na ponte da BR-386 entre Lajeado e Estrela. Uma balsa atinge a proteção da passagem. O Rio Taquari atingiu nível histórico, com 34,05 metros em Estrela (Em Lajeado, foi de 33,35) A enchente supera as marcas registradas em setembro de 2023.

3 DE MAIO (SEXTA-FEIRA)

O governo federal anunciou o aporte de R\$ 4,1 milhões para a reconstrução da ponte que interliga os municípios de Marques de Souza e Travesseiro. Estudo preliminar da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) apontou que mais de 60 mil pessoas da região foram atingidas pelas enchentes. O número de domicílios afetados passou dos 30 mil. As inundações afetaram mais de 80% da atividade econômica do RS. Depois de 24 horas, o nível do Rio Taquari caiu para 29,20 metros em Lajeado.

7 DE MAIO (TERÇA-FEIRA)

O Rio Taquari baixa, chega no nível normal de 13 metros em Estrela, e revela um cenário de devastação. Cidades como Muçum, Roca Sales, Marques de Souza, Estrela, Lajeado e, em especial, Cruzeiro do Sul, foram devastadas pela força da água. No RS, um total de 207,8 mil deixaram suas casas, sendo 48,8 mil em abrigos e 159 mil desalojados (pessoas que estão nas casas de familiares ou amigos).



ALDO LOPES



FABIO KUHN

Movimentos de massa, deslizamentos, queda de barreiras, danificaram estradas e fizeram vítimas

Vale ilhado

As principais rodovias tiveram danos diversos. Na BR-386, a queda de barreiras fechou a ligação de Lajeado até Soledade. Foram pelo menos três pontos de deslizamentos na serra de Pouso Novo.

Além disso, houve danos na ponte seca, em Lajeado, e na principal, até Estrela. Inclusive uma balsa atingiu a proteção da estrutura. Foi necessário esperar a água baixar, para ser feita a limpeza e a análise de engenharia da CCR ViaSul sobre a integridade dos pilares. Durante dois dias, foi autorizada apenas a passagem de pedestres entre os dois municípios.

No início da enchente, entre 30 e 1º de maio, a microrregião de Encantado teve diversas estradas fechadas, inclusive a ERS-332, em direção a Arvorezinha. Rochas também interromperam a ligação na ERS-129, de Muçum a Vespasiano Corrêa. A ligação entre Marques de Souza e Travesseiro também foi destruída.

10 DE MAIO (SEXTA-FEIRA)

O repique. As chuvas voltam a castigar a região. Neste dia, a Defesa Civil do estado e o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres (Cemaden) informaram que a situação deve se agravar, com inundações severas e possíveis deslizamentos. O governo federal prometeu R\$ 6,7 milhões para a reconstrução da ponte entre Lajeado e Arroio do Meio.

11 DE MAIO (SÁBADO)

O Rio Taquari subiu 6 metros em 24 horas e voltou a ultrapassar a cota de inundação. A previsão é de mais uma enchente histórica, com chance de passar dos 29 metros.

12 DE MAIO (DOMINGO)

Municípios voltam a ter interrupção no abastecimento de água e de energia elétrica. Chuva continua forte durante todo o dia. Por volta das 17 horas, reduz de intensidade nas cabeceiras da bacia hidrográfica do Taquari\Antas. Por volta das 23 horas, reduz de intensidade na parte de Lajeado e Estrela. Na última medição do domingo, Rio Taquari chega a 27,15 metros.

13 DE MAIO (SEGUNDA-FEIRA)

Na madrugada, as leituras mostram elevações cada vez menores. Por volta das 5h, chega no pico de 27,78 metros. Entre 6h e 7h, começa a baixar. A programação de retorno das aulas em Lajeado é transferida. Ao longo do dia, a água baixa. De forma mais lenta do que o normal, devido ao represamento no Rio Jacuí.

15 DE MAIO (QUARTA-FEIRA)

O Rio Taquari volta ao nível normal no Porto de Estrela.



FELIPE NEITZKE

Durante dois dias, a passagem entre Lajeado e Estrela foi autorizada apenas para pedestres. Voluntários auxiliam levando itens de primeira necessidade e trazendo equipamentos, como antenas de internet por satélite

Pontes

O mais complexo foi a ligação para a parte alta por Arroio do Meio. As duas pontes ruíram devido a força do Rio Forqueta. “Passamos o momento mais difícil da nossa história. Ficamos ilhados, sem lado para sair ou chegar. Demoramos a receber suprimentos e isso causou muita angústia a todos”, frisa o prefeito Danilo Bruxel. Hoje, toda a circulação para chegada de produtos é feita por barcos. O deslocamento de pedestres ocorre por uma passagem suspensa, montada pelo Exército. “Precisamos restabelecer essa ligação o quanto antes. O prejuízo para a nossa comunidade é gigantesco”, cobra o prefeito de Lajeado, Marcelo Caumo.

Arroio do Meio e Lajeado. Soluções em pequeno, médio e longo prazo

Os municípios trabalham com três opções, de curto, médio e longo prazo. A mais rápida é a instalação de uma ponte provisória, pela rua Romeu Júlio Scherer. A estrutura é do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes e pode ser instalada no máximo em uma ligação com 60 metros.

Em Lajeado, será necessário abrir pelo menos um quilômetro de rua e avançar com aterro sobre o Rio Forqueta para reduzir a distância com Arroio do Meio.

A segunda opção é reconstruir a Ponte de Ferro. Inclusive há uma mobilização comunitária em curso. Pelo PIX novapontedeferro@gmail.com, já foram arrecadados mais de R\$ 1,3 milhão. O governo federal promete encaminhar R\$ 6,7 milhões à obra. A estimativa é que o custo passe dos R\$ 12 milhões.

Por último, está a reconstrução da ponte da ERS-130. A Empresa Gaúcha de Rodovias (EGR), concessionária responsável pelo trecho, pretende lançar o edital de reconstrução na segunda-feira.



Comitiva do governo federal visitou a Ponte de Ferro nesta semana para avaliar modelo de reconstrução



redes para restabelecer a energia elétrica na região

Sem água, luz e comunicação

No ápice da inundação, mais de 90 mil pontos da região ficaram sem luz e sem água. Também a comunicação foi afetada. Redes de telefone celular pararam de funcionar. “Foi o rádio que nos manteve informado e nos fez companhia”, diz Bernardo Costa, de Taquari. Ele ficou ilhado na propriedade da família. “Ainda bem que a casa fica em área mais alta.”

Conforme a RGE, concessionária com a maior parcela de atendimento no Vale, o

total de residências (economias) sem luz passou dos 66 mil. Postes, redes rompidas, transformadores destruídos foram alguns dos problemas dentro da área de atuação da companhia.

Na área da Certel Energia, também houve danos graves tanto em subestações quanto nas redes de alta e de distribuição. Para garantir a retomada da luz, foi estabelecida uma parceria com a RGE, após cinco dias de apagão para quase 45 mil residências.

Com a permissão para religar a energia na rede da concessionária, a Certel conseguiu atender cerca de 25 mil economias. Com as reconstruções, o dado mais recente aponta 200 pontos sem energia.

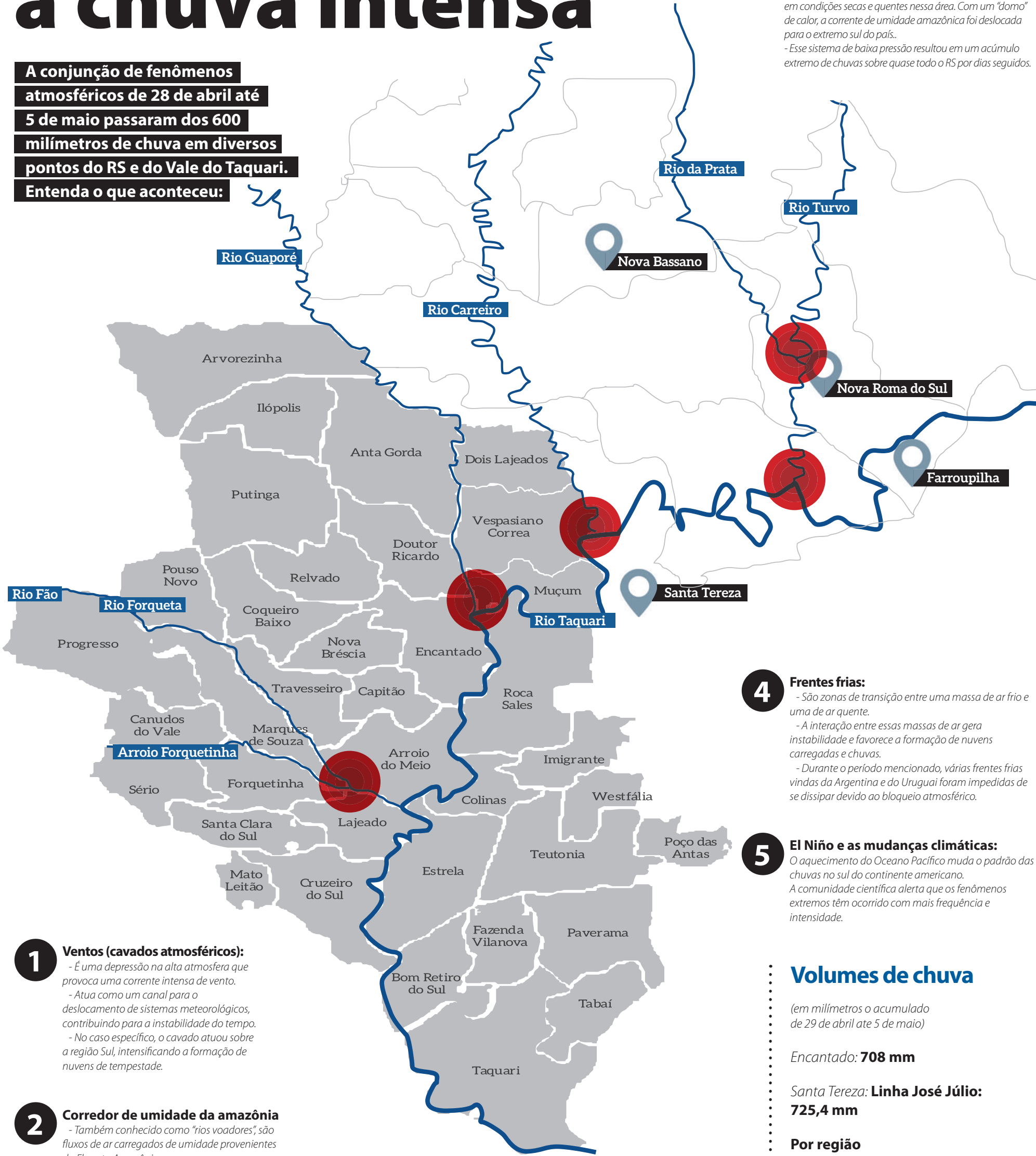
No abastecimento de água, houve problemas em todas as regiões atendidas pela Corsan\Aegea. A maior dificuldade foi em Lajeado. As bombas de captação de água, no bairro Carneiros, ficou submerso. Foram oito dias até as equipes conseguirem chegar na estação.



Equipe para manutenção da estação para captar água, em Lajeado, só conseguiu chegar no local após a água baixar

Os motivos para a chuva intensa

A conjunção de fenômenos atmosféricos de 28 de abril até 5 de maio passaram dos 600 milímetros de chuva em diversos pontos do RS e do Vale do Taquari. Entenda o que aconteceu:



- 1

Ventos (cavados atmosféricos):
 - É uma depressão na alta atmosfera que provoca uma corrente intensa de vento.
 - Atua como um canal para o deslocamento de sistemas meteorológicos, contribuindo para a instabilidade do tempo.
 - No caso específico, o cavado atuou sobre a região Sul, intensificando a formação de nuvens de tempestade.
- 2

Corredor de umidade da Amazônia
 - Também conhecido como “rios voadores”, são fluxos de ar carregados de umidade provenientes da Floresta Amazônica.
 - Esses corredores podem transportar umidade para outras regiões, como o Sul do Brasil, aumentando o potencial para chuvas intensas.

- 3

Bloqueio atmosférico:
 - Ocorre quando um padrão de alta pressão impede o avanço de frentes frias ou sistemas de baixa pressão.
 - No período em questão, um bloqueio atmosférico causado por uma onda de calor no centro do país resultou em condições secas e quentes nessa área. Com um “domo” de calor, a corrente de umidade amazônica foi deslocada para o extremo sul do país.
 - Esse sistema de baixa pressão resultou em um acúmulo extremo de chuvas sobre quase todo o RS por dias seguidos.

- 4

Frentes frias:
 - São zonas de transição entre uma massa de ar frio e uma de ar quente.
 - A interação entre essas massas de ar gera instabilidade e favorece a formação de nuvens carregadas e chuvas.
 - Durante o período mencionado, várias frentes frias vindas da Argentina e do Uruguai foram impedidas de se dissipar devido ao bloqueio atmosférico.

- 5

El Niño e as mudanças climáticas:

O aquecimento do Oceano Pacífico muda o padrão das chuvas no sul do continente americano. A comunidade científica alerta que os fenômenos extremos têm ocorrido com mais frequência e intensidade.

Volumes de chuva

(em milímetros o acumulado de 29 de abril até 5 de maio)

Encantado: **708 mm**

Santa Tereza: **Linha José Júlio: 725,4 mm**

Por região

Vale do Taquari: **No geral, passou de 500 mm em três dias**

MORTOS E DESAPARECIDOS

Entre o luto, a destruição e os traumas da enchente

Tragédia soma 36 mortes, mais de 30 desaparecidos e 26,2 mil pessoas desalojadas no Vale

Bibiana Faleiro
bibianafaleiro@grupoahora.net.br

VALE DO TAQUARI

Já chovia desde o sábado, 27, em grande volume. Mas as águas do rio Taquari começaram a subir na segunda-feira, 29. O medo de uma nova enchente proporcional ou maior do que a que a comunidade viveu em 2023 era temida. E um novo fator, os desmoronamentos, se uniram aos perigos causados pelos temporais.

O Taquari atingiu o pico no dia 2 de maio, às 13h30min, com 33,35 metros. E, desde a enchente de 2020, pelo menos, além da evacuação das casas, as mortes também fizeram parte do retrato da tragédia. Em setembro do ano passado, foram 54 vidas perdidas pelas águas, e quatro pessoas desaparecidas. Desta vez, desde o início de maio, o Vale contabiliza 36 mortos e 32 desaparecidos.

A primeira morte foi em Paverama, quando um veículo com dois passageiros, Delmar Waldomiro Sandres e Nelson Schaeffer, foi arrastado pela enxurrada no fim da tarde de segunda-feira, 29, na localidade de Morro Azul.

Em Forquetinha, o casal de idosos Adanário Fuchs, 75, e Celi Fuchs, 74, tiveram a residência atingida pela cheia em Barra do Forquetinha e também morreram, vítimas dos temporais.

Com o passar dos dias, mais óbitos foram registrados em Lajeado, Cruzeiro do Sul, Venâncio Aires, Capitão, Travesseiro e Putinga. Os desmoronamentos de terra ainda



Na enchente passada, a água invadiu a nossa casa, perdemos algumas coisas, mas desta vez foi horrível. Estamos muito mal"

CARLOS BUSCH
MORADOR DE MARQUES DE SOUZA



Quando vimos as casas caindo, as casas dos vizinhos, dos meus pais, a parte velha da nossa casa, nós decidimos todos nos jogar na água"

CAROLINE RAMOS SILVA
MORADOR DE CRUZEIRO DO SUL



FILIPPE FALEIRO

vitimaram 10 pessoas em Roca Sales, além de duas em Marques de Souza e uma em Encantado, identificada como Josaine Machado.

A pior das perdas

Familiares e amigos se despediram de Josaine, de 46 anos, na manhã de quinta-feira, 16. A filha, Isabela Caroline Andreoli, 20, conta que no dia do acidente, todos estavam em

Corpos são encaminhados para o Departamento Médico Legal de Lajeado. Registros de pessoas desaparecidas, além de serem feitos na Polícia Civil, também devem ser feitos no DML para possível identificação das vítimas

casa, ela, o irmão Arthur, o avô e a mãe. Era meio-dia, e família tirava alguns pertences de dentro do carro, porque pretendiam dormir no veículo em outro ponto da localidade, após receberem os avisos das autoridades sobre o risco de deslizamentos.

Isabela lembra que enquanto estavam fora da casa, ouviram um barulho e viram a casa dos vizinhos ser levada pelas terras. Arthur estava dormindo dentro da residência deles e Isabela correu para acordá-lo. "Quando eu olhei para o lado para

ver a minha mãe, em segundos, o morro do lado esquerdo também tinha desmoronado e tinha levado ela junto".

Isabela diz que os irmãos chegaram a encontrar a mãe com vida, debaixo do tronco de uma árvore. A família e os vizinhos chamaram ajuda, mas não havia mais passagem para a localidade. "Naquela tarde, minha mãe não resistiu e faleceu. O corpo ficou com a gente naquela noite e mais um dia, até os bombeiros conseguirem chegar".

Depois de 16 dias, a família conseguiu sepultar Josaine no cemitério de Jacarezinho.

"Decidimos nos jogar na água"

Com a subida do nível do rio, vieram os pedidos de resgates. Pessoas ilhadas, nos telhados, em casas de vizinhos. A Defesa Civil iniciou a busca por moradores em risco com barcos, mas logo o trabalho se tornou impossível. Até chegarem os helicópteros do governo, as pessoas continuaram pedindo ajuda. Aeronaves particulares também foram colocadas à disposição para os resgates.

"Estamos vivos por um milagre de Deus, a gente desceu para salvar os cachorro, meus pais, todo mundo, achamos que ia ser uma enchente igual a todas as outras", contam Annes Mattei e Caroline Ramos Silva. Moradores do bairro São Miguel, em Cruzeiro do Sul, os empresários aguardaram até sexta-feira, 3, à tarde, para serem retirados da água, junto da família.

"Quando vimos as casas caindo, as casas dos vizinhos, dos meus pais, a parte velha da nossa casa, nós decidimos todos nos jogar na água", conta Caroline.

O casal e os familiares ficaram à espera do resgate por 36 horas. "Quando pensei que ia perder a vida, minha maior força foi pensar que eu tinha um emprego. Pensei que não podia desistir, eu já estava com hipotermia, não ia aguentar se não fosse resgatada na tarde de sexta", conta a empresária. Ela também pensava no emprego das funcionárias e que precisa estar viva para cuidar dos pais.

No tempo em que passaram na água ou agarrados aos troncos das árvores, Annes conta que o cunhado fazia a chamada dos familiares e, de 10 em 10 minutos, perguntava se todos estavam bem. "A gente lutou um pela vida do outro. Fomos nos afogando, nos



empurrando, até acharmos um pé de butiá. Um tronco muito grande que nos salvou", conta Caroline. A família ainda conseguiu chegar em um galpão a cerca de 30 metros da casa deles, onde passaram outra noite antes de serem salvos.

Sem moradia

Mesmo aqueles que tiveram suas vidas salvas, lidam com a tragédia. O processo de limpeza foi árduo e passou por uma nova enchente na madrugada de segunda-feira, 13, quando o Taquari atingiu 27,78 metros e atrapalhou os trabalhos com rodos e lava jatos.

Os temporais deixaram mais de 26,2 mil pessoas desalojadas na região. Diferente de outros temporais, não há previsão para muitas dessas famílias deixarem os abrigos. E os municípios



FELIPE NEITZKE

Morador de Marques de Souza, Carlos Busch teve parte da casa destruída pelas cheias e diz nunca ter presenciado algo semelhante



DIVULGAÇÃO

Resgates continuam sendo feitos em localidades onde houve desmoronamentos ou com registros de pessoas desaparecidas



ALDO LOPES

Annes Mattei e Caroline Ramos Silva relatam como sobreviveram após terem casa destruída pela enchente em Cruzeiro do Sul

buscam alternativas temporárias de moradias, ou novas áreas para a construção.

Cenário de destruição

O cenário de destruição se estende por Marques de Souza. Moradores como Carlos Busch testemunharam a força das águas. Ele relata o impacto do desastre em sua residência, onde toda a mobília foi perdida e parte da estrutura da casa comprometida.

“A casa dentro, os móveis, perdemos tudo”, lamenta. “Estamos mal, muito mal”, desabafa. Busch ainda tentava recuperar algumas roupas que restaram após a inundaçã

levado embora portas, janelas e pertences preciosos.

Com 14 anos de residência na região, ele afirma nunca ter presenciado uma catástrofe semelhante. “Na enchente passada, a água invadiu a nossa casa, perdemos algumas coisas, mas desta vez foi horrível”, recorda.

Moradora da localidade de Faxinal Silva Jorge, em Bom Retiro do Sul, Regina Dornelles também teve a residência atingida. Mesmo tendo levantado os móveis e saído de casa, ela viu a estrutura ser tomada pelas águas, perdeu o que tinha no interior dos dois pisos da residência e diz não querer voltar. “Eu digo, quem é mais novo, que saia daqui. A partir de agora eu não pretendo ficar”.



Eu digo, quem é mais novo, que saia daqui. A partir de agora eu não pretendo ficar”

REGINA DORNELLES
MORADORA DE BOM RETIRO DO SUL



MATHEUS LASTE

Familiares e amigos se despediram de Josaine na manhã de quinta-feira, 16. A mulher de 46 anos foi a primeira vítima de Encantado

Pessoas desalojadas na região

LAJEADO

Pessoas desalojadas: **mais de 1.300**. Prefeitura ainda faz o levantamento por meio de um cadastro disponível
Pessoas em abrigos: **358** famílias e **871** pessoas

ESTRELA

Pessoas desalojadas: município faz levantamento
Pessoas em abrigos: **800**
Casas destruídas: **2 mil**

ARROIO DO MEIO

Pessoas desalojadas: **11.400**
Pessoas em abrigos: **600**
Casas destruídas: **mais de 1 mil**

TEUTÔNIA

Pessoas desalojadas: **13**
Pessoas em abrigos: **13**

ENCANTADO

Pessoas desalojadas: entre **4 e 5 mil**
Pessoas em abrigos: **794**
Casas destruídas: **150**

CRUZEIRO DO SUL

Pessoas desalojadas: **5.722**
Pessoas em abrigos: **435**
Casas destruídas: **mais de 1 mil**

MARQUES DE SOUZA

Dados ainda são contabilizados

TAQUARI

Pessoas desalojadas: **817** famílias
Pessoas em abrigos: **143** famílias

VENÂNCIO AIRES

Pessoas desalojadas: não há dados divulgados
Pessoas em abrigos: **270**

A tragédia em números

Números no estado

Municípios afetados: **461**
Pessoas em abrigos: **78.165**
Desalojados: **540.192**
Afetados: **2.281.830**
Feridos: **806**
Desaparecidos: **98**
Óbitos confirmados: **154**
Pessoas resgatadas: **82.666**
Efetivo: **27.688**
Viaturas: **4.085**
Aeronaves: **21**
Embarcações: **289**

Mortes e desaparecidos no Vale

(Conforme Defesa Civil do Estado)

Óbitos (36)

Lajeado: **2**
Cruzeiro do Sul: **10**
Paverama: **2**
Forquetinha: **2**
Venâncio Aires: **4**
Capitão: **2**
Roca Sales: **10**
Putinha: **1**
Encantado: **1**
Travesseiro: **1**
Taquari: **1**

Desaparecidos (31)

Roca Sales: **6**
Relvado: **2**
Poço das Antas: **1**
Marques de Souza: **1**
Cruzeiro do Sul: **9**
Lajeado: **6**
Encantado: **2**
Arroio do Meio: **1**
Teutônia: **3**

IMPACTO ECONÔMICO

Com prejuízos ainda inestimados, setor produtivo tenta se reerguer

Entraves logísticos, acesso a crédito subsidiado e preocupação com êxodo de mão de obra dominam debates do setor empresarial

Thiago Maurique
thiagomaurique@grupoahora.net.br

VALE DO TAQUARI

Além do drama enfrentado pelas famílias que perderam de entes queridos a bens materiais, o Vale do Taquari também sofre os efeitos dos danos à atividade empresarial. Uma das maiores forças da região, o setor produtivo ainda não conseguiu contabilizar os prejuízos, mas já trabalha para mitigar os efeitos da maior tragédia ambiental e climática da história do Rio Grande do Sul.

Presidente da Câmara de Indústria e Comércio do Vale do Taquari, Ângelo Fontana destaca pontos fundamentais para a reconstrução das empresas atingidas diretamente, e também da infraestrutura necessária para a normalização da produção e dos empregos em todo o segmento. “São as empresas que geram renda para a população e fazem toda a roda da economia girar.”

Conforme Fontana, o primeiro gargalo a ser solucionado é a infraestrutura de mobilidade.



É preciso corrigir o que não deu certo. Se o governo conseguir cumprir metade do que está sendo negociado, estaremos bem”

ÂNGELO FONTANA
PRESIDENTE DA CIC-VT

Sem a recuperação das condições de logística, seja para receber insumos, equipamentos e funcionários, ou para escoar a produção, as indústrias não terão condições de se recuperar, mesmo se houver recursos para a retomada.

O segundo pilar é a garantir de moradia e acomodação para as famílias de trabalhadores. Fontana defende a criação de distritos industriais e loteamentos em áreas com topografia favorável, de forma a garantir que as empresas e trabalhadores tenham tranquilidade para desempenhar suas atividades.

“Precisamos de investidores que montem esses condomínios, porque as empresas não terão condições de imobilizar seus

recursos com obras, diante da necessidade de investir em maquinários e na operação”, aponta. Dessa forma, acredita ser possível evitar o êxodo de trabalhadores e empresas da região para fora do RS.

Por fim, Fontana ressalta a necessidade de medidas efetivas por parte do poder público, em especial do governo federal, de socorro ao setor empresarial. Nas enchentes de setembro e novembro os recursos acabaram não chegando às maiores empresas atingidas pelas águas. “É preciso corrigir o que não deu certo. Se o governo conseguir cumprir metade do que está sendo negociado, estaremos bem.”

Segundo ele, um dos principais entraves para a efetividade das ações governamentais ainda dependem da mensuração dos prejuízos. Por meio de parceria com o Sebrae-RS, o governo do Estado realiza pesquisa com os empresários para determinar os danos, nos moldes do trabalho bem sucedido na região após as enchentes do ano passado. Porém, diante da dimensão da tragédia, e como algumas regiões ainda estão em baixo d’água, não há previsão de conclusão desse trabalho.

Motivação para seguir

Uma das empresas mais atingidas pelas últimas enchentes que assolaram a região, a Vidraçaria Lajeadense suspendeu temporariamente as operações no



município. De forma provisória, a indústria opera em um galpão alugado na cidade de Estrela, enquanto constrói uma nova sede em Lajeado, longe das margens do rio Taquari.

Responsável pelo marketing da empresa, Roberta Arenhart afirma que os prejuízos dessa última cheia ainda não foram estimados, principalmente porque a força da água destruiu todos os prédios. “É uma empresa com 66 anos de história e cada pavilhão foi construído pelo meu pai. Sentimos a dor de uma vida inteira que se foi.”

Mesmo com a retomada do trabalho de forma provisória, a vidraçaria ainda enfrenta dificuldade no acesso a clientes devido a destruição da infraestrutura logística do Estado. “Estamos na metade do mês e ainda não conseguimos fazer nenhum tipo de medição ou entrega de produto.”

Apesar das dificuldades, a



É uma empresa com 66 anos de história e cada pavilhão foi construído pelo meu pai. Sentimos a dor de uma vida inteira que se foi.”

ROBERTA ARENHART
RESPONSÁVEL PELO MARKETING
DA VIDRAÇARIA LAJEADENSE

empresa familiar mantém a motivação para recomeçar e continuar cumprindo o importante papel de gerar emprego e renda na região. “Acreditamos nos nossos sonhos, como família, como empresa e para as mais de cem famílias que dependem desse negócio.”



GILMAR PICCININI
PRESIDENTE DA DÁLIA

Ainda não temos como dimensionar os prejuízos da Dália porque nossa prioridade é cuidar das pessoas”

MAURÍCIO FONTANA
DIRETOR COMERCIAL DA FONTANA S.S.

Tivemos ações de prevenção que ajudaram a minimizar as perdas da empresa, mas jamais esperávamos um evento tão extremo”

FELIPE NEITZKE



Escoamento da produção

Uma das empresas mais tradicionais da região alta do Vale do Taquari, a Fontana S.A. também enfrenta os efeitos de grandes enchentes em curto período. Diretor Comercial da empresa, que completa 90 anos de história em 2024, Maurício Fontana ainda contabiliza as perdas provocadas pela água, que alcançou instalações intactas nas outras cheias.

“Tivemos várias ações de prevenção que ajudaram a minimizar as perdas da empresa, mas jamais esperávamos um evento tão extremo”, afirma. Além do trabalho de limpeza, desobstrução, desentulhamento, lavagem, e recuperação dos equipamentos para restabelecer a produção, ainda existe o entrave da infraestrutura logística. Com pontes destruídas e estradas obstruídas, tanto a chegada de



Paredes caíram, a empresa ficou totalmente submersa até o telhado. A água tomou forte velocidade e agressividade.”

JANAÍNA MARTINEZ
DIRETORA DA VINAGRES PRINZ

insumos quanto o envio dos produtos fica prejudicado. Para Fontana, o grande desafio será fazer com que todos acreditem que é possível habitar o Vale do Taquari e reconstruir com segurança. “Precisamos de um trabalho de prevenção de cheias, e obras que tragam essa

Após ser atingida por quatro enchentes em oito meses, Lajeadense Vidros desativa unidade às margens do Rio Taquari

tranquilidade. Acreditamos na transformação do Vale em uma região ainda mais forte.”

Mudança de endereço

Empresa com 99 anos de história, a Vinagres Prinz, de Lajeado, enfrentou a quarta enchente na fábrica localizada no Centro da cidade. A Diretora Janaína Martinez afirma que os danos da enchente desse ano superaram as das enchentes anteriores e tornaram inviável manter a empresa no mesmo

endereço. “Paredes caíram, a empresa ficou totalmente submersa até o telhado. A água tomou forte velocidade e agressividade.”

Além dos prejuízos financeiros, Janaína destaca o abalo psicológico dos diretores e funcionários, que agora trabalham na limpeza do espaço. “Somos uma empresa familiar muito unida e temos gratidão pelas pessoas que estiveram conosco em todos os momentos de dificuldade. Nós estamos ao lado deles também, tentando fazer com que reconstruam suas casas e suas vidas.”

Apesar das dificuldades, Janaína destaca o foco em restabelecer o negócio e manter o atendimento aos clientes da marca, líder no mercado gaúcho. Segundo ela, o setor empresarial precisa ter acesso ao crédito com juros subsidiados e condições facilitadas, conforme promessa do Governo Federal. “Vamos fazer 100 anos em 2025 e estamos muito organizados e focados na retomada. Vamos conseguir porque não há outra alternativa.”

Entrave logístico

Com plantas fabris em diferentes cidades atingidas pelas

cheias da região, a Dália ainda contabiliza graves prejuízos enfrentados pelos produtores integrados. Presidente do Conselho Administrativo da cooperativa, Gilmar Piccinini afirma que os problemas das indústrias são pequenos frente aos danos provocados pelas enchentes no campo.

“Ainda não temos como dimensionar porque nossa prioridade é cuidar das pessoas”, aponta. Conforme Piccinini, a água não chegou a invadir a indústria de laticínios e provocou poucos danos nas plantas de aves e suínos. Com exceção da queijaria, localizada no bairro Aimoré, em Arroio do Meio, a previsão é de retomar as atividades da indústria forma gradativa, já na segunda-feira, dia 21.

Piccinini afirma que a principal preocupação está na infraestrutura logística para garantir tanto a alimentação dos animais quanto o posterior escoamento da produção, além da mobilidade dos funcionários. “Vamos entrar em uma discussão muito forte na questão estrutural do Estado. Precisamos definir as prioridades para manter a região viva e garantir os empregos.”

COLAPSO NO VALE

CAOS LOGÍSTICO

REGRIDE MOBILIDADE REGIONAL AOS TEMPOS DE “COLÔNIA”

Problemas em rodovias resultam em desvios e longas rotas alternativas, elevam custos ao setor e abalam economia local. Desafio é reconstruir pontes e acessos em um curto tempo para restabelecer ligações e projetar investimentos futuros para diminuir dependência de trechos como a BR-386

Mateus Souza
mateus@grupoahora.net.br



DIEGO TOMASI
DIRETOR DE LOGÍSTICA
DA CIC-VT

O volume de cargas disponíveis para serem transportadas no RS teve uma redução significativa. Ou seja, ao mesmo tempo em que o custo aumenta, as cargas diminuem. Isso é muito negativo para o setor

de “colônia” em determinadas localidades.

Um dos grandes desafios às autoridades públicas e privadas neste pós-catástrofe se apresenta na reconexão entre cidades. Muitas ligações, hoje, estão comprometidas ou nem existem



ELMAR SCHNEIDER
PREFEITO DE ESTRELA

Aqui está a prova. Quem chega a região hoje, se chegar pela BR-386, não dá. Se nós quisermos continuar falando em Vale do Taquari, temos que olhar para a frente

mais. Caso da ponte da ERS-130, entre Lajeado e Arroio do Meio. Nada restou da estrutura, arrastada pela força das águas do Rio Forqueta, no dia 2 de maio.

Da Ponte de Ferro, histórica estrutura e cartão-postal da região, sobrou uma pequena

parte. Ao menos a travessia de pedestres foi amenizada nos últimos dias. Primeiro, com barcos, balsa e botes do Exército. Mais recentemente, a construção de uma passarela facilitou a passagem por terra das pessoas entre um município e outro.

O estrago poderia ter sido ainda maior. A ponte sobre o Rio Taquari, na BR-386, resistiu e virou símbolo da força da região e sinônimo de esperança de dias melhores. Ainda que o fluxo de veículos não esteja normalizado na rodovia, as perspectivas são de uma liberação total nas próximas semanas, a depender também de avaliações técnicas.

Transtornos e custos elevados

Uma viagem de menos de 15 minutos, mas que hoje leva quase duas horas. Ir de Lajeado a Arroio do Meio (e vice-versa) nunca pareceu tão desafiador após a queda da ponte da 130. Esse é um dos vários problemas decorrentes do caos logístico dos últimos dias no Vale do Taquari e no RS.

Diretor de logística da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços do Vale do Taquari (CIC-VT) e vice-presidente do Sindicato das Empresas de Transporte de Carga e Logística do RS (Setcergs), Diego Tomasi, estima um aumento de 30% no custo das transportadoras nas últimas semanas, em virtude dos problemas logísticos no Estado.

Cita dois problemas que o setor enfrenta, sendo o mais impactante a questão das rodovias. “Os bloqueios nas principais estradas do RS aumentaram muito a distância percorrida, devido aos desvios de rota. Além disso tem os congestionamentos, como ocorre na ponte do Rio Taquari. O custo logístico está muito maior devido a essa situação”, frisa.

Volume menor

O outro problema apontado por Tomasi é o impacto das cheias sobre clientes das



Com danos nas cabeceiras do viaduto da Bento Rosa e da ponte do Rio Taquari liberação das pistas na BR-386 é parcial. Situação gera longos congestionamentos

transportadoras. “O volume de cargas disponíveis para serem transportados no RS teve uma redução significativa e importante. Ou seja, ao mesmo tempo em que o custo aumenta, as cargas diminuem. Isso é muito negativo para o setor”.

Como alternativa, neste primeiro momento, destaca a existência das rotas alternativas – embora o custo seja maior –. E, principalmente, a movimentação da Setcergs junto à classe política para que as ligações destruídas ou parcialmente afetadas sejam restabelecidas o mais rápido possível.

“Entendemos o motivo de catástrofe, mas agora não podemos perder para a burocracia. Uma ponte que poderia ser recuperada em um mês não pode demorar meio ano, um ano. Precisamos de ações efetivas e rápidas”.

Estruturas elevadas

Um debate necessário em meio ao caos logístico é sobre as novas pontes que serão planejadas, ou das estruturas a serem reconstruídas. A perspectiva é



Parte da ponte entre Travesseiro e Marques de Souza foi levada pela força das águas

FELIPE NEITZKE



ALDO LOPES



REBECA SCHMITZ
ENGENHEIRA CIVIL
ESPECIALISTA EM
PONTES

Quando se faz projeto de uma ponte, é preciso considerar a cota de cheia do rio. A partir disso, se faz uma análise de todo o histórico desse rio”

a ponte da ERS-130, entre Lajeado e Arroio do Meio, em seis meses. A partir de novas análises a estatal reduziu a estimativa, que antes era de oito meses. O edital será publicado na segunda-feira, 20, e as propostas já serão conhecidas na sexta-feira, 24.

Mais detalhes sobre a obra devem ser anunciados pelo governador Eduardo Leite, que cumpre agenda no Vale do Taquari neste sábado, 18. Um dos locais a serem visitados é justamente o ponto onde houve a queda da estrutura.

Há exemplos bem sucedidos de pontes construídas em tempo recorde no RS. Em janeiro de 2010, a ponte sobre o rio Jacuí na RSC-287, em Agudo, veio abaixo após um período de sucessivas chuvas e elevação do nível do rio. A obra da nova estrutura iniciou três meses depois e a conclusão ocorreu em dezembro daquele ano.

Outros modais

Não foi só a malha rodoviária da região que acabou castigada pela enchente. O imponente Porto de Estrela, em um momento de avanços nas tratativas pela municipalização, foi devastado. Pouco sobrou da estrutura que também sedia eventos como a Multifeira. O Aeródromo Regional de Estrela também sofreu danos profundos.

Para Diego Tomasi, o cenário de destruição nestes espaços não pode enfraquecer a discussão sobre o fortalecimento de outros modais no Vale do Taquari. Por isso, entende que é possível alternativas para as duas situações.

“O alerta é que esses modais precisam ser projetados para suportar enchentes. O Aeródromo pode ser trocado de endereço, mas o Porto talvez necessite de uma estrutura de contenção que o faça resistir. Não dá para desistir deles”.

de que, com a enchente histórica de maio, as futuras travessias tenham uma elevação.

“Essa grande catástrofe mostra a importância de termos estruturas e obras viárias bem resistentes. Essa ponte entre Lajeado e Arroio do Meio jamais poderia ter caído. É preciso investimentos mais consistentes, pois podemos ter novas enchentes como essa”.

A engenheira civil e especialista em pontes, Rebeca Schmitz, aponta para a necessidade de projetos bem elaborados que considerem o impacto da cheia histórica. Em Lajeado, o nível do Rio Taquari chegou a 33,35 metros na tarde do dia 2 de maio, a maior marca em 150 anos.

“Quando se faz projeto de uma ponte, é preciso considerar a cota de cheia do rio. A partir disso, se faz uma análise de todo o histórico desse rio. E a ideia é que se trabalhe com uma enchente com probabilidade de ocorrer uma vez em 100 anos”, afirma.

Alternativas

As imagens da ponte sobre o Rio Taquari praticamente submersa assustaram a comunidade. Ainda que a estrutura tenha se mantido em pé, mostrou que o Vale não pode continuar dependente de apenas uma travessia no trecho de maior

movimento de veículos de toda a região. É preciso pensar em alternativas.

A construção de uma segunda ponte entre Lajeado e Estrela, algo há anos, de voltar ao centro das discussões. Seja entre os gestores públicos ou em representantes da iniciativa privada e da sociedade civil, as conversas existem.

“Aqui está a prova. Quem chega a região hoje, se chegar pela BR-386, não dá. Se nós quisermos continuar falando em Vale do Taquari, temos que olhar para a frente”, afirma o prefeito de Estrela, Elmar Schneider.

Segundo ele, Lajeado e Estrela devem se unir para liderar um projeto junto ao governo federal. “No mínimo vamos começar com

o projeto. Não estou dizendo que os municípios precisam pagar ele, mas temos que começar a definir algumas prioridades. Uma delas é a necessidade clara de termos mais uma opção”.

Seis meses

A Empresa Gaúcha de Rodovias (EGR) projeta entregar



FELIPE NEITZKE

Queda da ponte entre Lajeado e Arroio do Meio colapsa acesso com cidades da região alta. Travessia para pedestres foi improvisada

Onde os problemas logísticos ficaram mais evidentes

Lajeado e Arroio do Meio

FÁBIO KUHN



– Ponte entre Lajeado e Arroio do Meio foi levada pela força da correnteza do Rio Forqueta. Como a Ponte de Ferro também foi destruída, a ligação entre as regiões baixa e alta do Vale do Taquari ficou comprometida;

– Para minimizar a dificuldade em deslocamentos e não deixar desamparadas as pessoas que se deslocam diariamente de uma cidade para outra, o Exército instalou uma passareira, que permite a travessia a pé. Barcos e botes também são opções;

– Há problemas também no trecho de estrada de chão da 130, entre Cruzeiro do Sul e Venâncio Aires. Casas e empresas às margens rodovia foram devastadas pela cheia;

ERS-129

ANDRÉ CONCEIÇÃO/DIVULGAÇÃO



– Queda de barreira entre Muçum e Vespasiano Corrêa interrompeu totalmente o tráfego na rodovia, que liga Encantado a Guaporé. A rodovia também é um corredor alternativo do Vale do Taquari para a Serra Gaúcha;

– Como alternativa, a EGR propôs a pavimentação de uma estrada vicinal, paralela à rodovia, de três quilômetros. A ideia é reconectar as duas cidades. A previsão é de concluir os trabalhos até o fim do mês;

– Mais abaixo, o trecho entre Colinas e Roca Sales se tornou a principal ligação entre Lajeado e Estrela com Arroio do Meio e a região alta. Contudo, uma parte do trecho não é asfaltada e as enchentes pioraram as condições da pista;

– O fluxo de veículos na estrada é tão grande que, em alguns momentos, se faz necessária uma interrupção para manutenção. Motoristas relatam levar até duas horas para se deslocar de Lajeado e Roca Sales.

BR-386 (Forquetinha – Marques de Souza – Pouso Novo)

– Rodovia teve diversos pontos de bloqueio ao longo das últimas semanas, em virtude dos deslizamentos de terra. Alguns trechos tiveram o asfalto totalmente comprometido, como na subida da serra, o que exigiu ações emergenciais na recuperação da pista;

– Outros pontos ficaram totalmente alagados durante os períodos mais críticos da enchente. O acesso a Forquetinha pela rodovia federal, por exemplo, chegou a ser interrompido em mais de uma ocasião devido ao transbordo do Arroio Forquetinha;

– Nos últimos dias, o fluxo até Marques de Souza cresceu, em virtude da rota alternativa de Lajeado a Arroio do Meio, passando por Coqueiro Baixo, Nova Bréscia e Capitão.

ALDO LOPES



BR-386 (Ponte do Rio Taquari)

– Estrutura ficou submersa com a enchente histórica. Além disso, ponte Norte (sentido Estrela/Lajeado) foi atingida por balsa e sofreu danos;

– A liberação para fluxo de veículos levou três dias após as águas do Taquari baixarem. Hoje, funciona em três faixas, sendo que os sentidos se alternam conforme a demanda;

– Em horários de maior movimento, a lentidão é grande. Caminhoneiros relatam levar até três horas para fazerem a travessia entre Lajeado e Estrela;

FELIPE NEITZKE



FORÇA PARA RECONSTRUIR

Solidariedade que vem

Iniciativas de empresários e comunidade ganham força e se tornam um dos principais meios de reconstruir a região

Bibiana Faleiro
bibianafaleiro@grupoahora.net.br

VALE DO TAQUARI

A tragédia no Rio Grande do Sul ganhou os portais de notícias de todo o país e de parte do mundo. Encartou reportagens nos maiores jornais e mobilizou milhares de pessoas que, de forma voluntária, se disponibilizaram para ajudar.

Os municípios gaúchos mais atingidos pelos temporais, por exemplo, foram apadrinhados por prefeituras de outros estados. A Iniciativa busca agilizar a reconstrução e a arrecadação de doativos para as comunidades. No Vale do Taquari, onze municípios já foram adotados e recebem ajuda para a reconstrução.

O movimento começou por meio de um desafio lançado nas redes sociais do humorista Badin Colono, natural de Erechim. A ideia é que as prefeituras de todo Brasil “adotem” os municípios gaúchos a fim de oferecer recursos e maquinário. Santa Catarina é o estado que mais abraçou a campanha, até o momento. Na região, municípios como Arroio do Meio, Cruzeiro do Sul, Estrela, Lajeado, Marques de Souza, Roca Sales, Travesseiro, Bom Retiro do Sul, Forquetinha e Muçum recebem o auxílio.

Desvinculados das prefeituras, outros voluntários de fora do estado chegam para ajudar na limpeza das casas, na produção de alimentos, entre outras necessidades básicas.

Veja a relação de cidades gaúchas e seus “padrinhos”

- Arroio do Meio – Chapecó (SC) e Mondai (SC)
- Bom Retiro do Sul – Água Doce (SC)
- Cruzeiro do Sul – Pomerode (SC) e Rodeio (SC)
- Estrela – Osasco (SP) e Blumenau (SC)
- Forquetinha – São Bento do Sul (SC)
- Lajeado – Blumenau (SC)
- Marque de Souza – Araquari (SC)
- Muçum – Seara (SC)
- Roca Sales – Jaraguá do Sul (SC) e Luzerna (SC)
- Taquari – Santa Rosa (RS)
- Travesseiro – Cunhataí (SC)



Prefeitura de Osasco (SP) mobilizou seus moradores em prol de doações para cidades gaúchas atingidas pelas cheias

Uma casa por dia

O auxílio chega de todo o lugar. Mas ainda é preciso muito para que as cidades se estruturam. E, mais do que solicitar recursos estaduais e federais, os próprios moradores da região, assim como a iniciativa privada, se unem para criar alternativas e viabilizar construções.

Um exemplo é o projeto “Uma casa por dia”, que visa a construção de lares dignos para famílias que perderam tudo durante as cheias. A iniciativa envolve a Agência de Inovação Local (Agil), Pro_Move Lajeado, Univates, empresários, Promotora Regional Ambiental do Ministério Público, Gira e Observatório de Marcas.

As moradias serão destinadas para pessoas que vivem nos municípios do Vale atingidos pela catástrofe climática. Com recursos da iniciativa privada, as cidades que aderirem ao projeto se comprometem com a infraestrutura de serviços públicos essenciais.

Os terrenos ou áreas serão afastados de locais sob risco de inundação. Esses, por sua vez, poderão ser doados ou adquiridos pelos governos. As estruturas



terão entre 46m² e 48m² com a possibilidade de ampliação.

De acordo com o Promotor de Justiça Sérgio Diefenbach, as casas serão construídas em espaços seguros e distantes da passagem da cheia. “Isso vai implicar em uma movimentação grande de todo o Vale, incluindo

recursos federais, estaduais, da iniciativa privada”, destaca o promotor.

Diefenbach diz que esse movimento busca suprir uma lacuna e utilizar a agilidade da iniciativa privada para a construção e entrega rápida das moradias. “Vai depender da nossa

mobilização”, afirma.

A verba para as construções é arrecadada por meio do pix umacasapordia@agil.org.br. “Precisamos do seu apoio para que possamos, de forma ágil e rápida, providenciar a construção dessas casas”, destaca o Diretor Executivo da Agil, Tiago Guerra.

daqui e de fora do RS



FÁBIO KUHN

Juntos pela ponte

Também por meio da iniciativa privada, outro projeto foi criado na região. Lançada pelo Movimento Amigos do Vale, a campanha “Juntos Pela Ponte” busca reconstruir a Ponte de Ferro, entre Lajeado e Arroio do Meio, que foi destruída pela força das águas do Rio Forqueta durante as cheias.

Para a campanha, o humorista e influencer Eduardo Gustavo Christ, o Badin, anunciou que vai destinar R\$ 500 mil para reconstruir a estrutura. Ele arrecadou mais de R\$ 73,3 milhões em vaquinhas online.

O grupo tem protagonismo coletivo de lideranças e pessoas da comunidade empenhadas em solucionar os problemas de acessos viários mais urgentes. A obra é considerada a mais importante neste primeiro momento.

A campanha busca captar recursos para a construção da

nova estrutura da forma mais ágil possível, de forma a considerar a importância estratégica da ligação entre as partes baixa e alta do Vale do Taquari.

A iniciativa é uma organização da sociedade civil, que conta com a participação dos prefeitos municipais de Lajeado e Arroio do Meio e apoio do Rotary Club Lajeado Engenho e Rotary Club Arroio do Meio.

As ações são planejadas com base no exemplo bem-sucedido de Nova Roma do Sul no ano passado, que com doações comunitárias, arrecadou R\$ 7 milhões e em quatro meses inaugurou uma nova ponte na divisa com Farroupilha, na Serra Gaúcha.

A população pode acompanhar as novidades por meio do Instagram @juntospelaponte e auxiliar pela doação para o pix novapontedeferro@gmail.com. Até o momento, a campanha já arrecadou mais de R\$ 1,3 milhão.

ALDO LOPES

Empresários unidos

A ação de um pequeno grupo de empresários de Lajeado se transformou em um projeto de proporção nacional. Em parceria com o Sindicato dos Contadores e Técnicos em Contabilidade do Vale do Taquari (Sincovat), a iniciativa arrecada valores e doativos entregues às famílias atingidas pelos temporais.

“Quando vimos, havia centenas de pessoas ajudando. De uma aeronave, foi para seis. Tudo com ajuda da iniciativa privada e dos cidadãos. Ficamos muito felizes.

Quem faz a diferença mesmo é o cidadão que está engajado na causa. O Brasil inteiro se uniu”, destaca um dos voluntários, o empresário Gian Martini.

Ele explica que as arrecadações são feitas por meio de pix destinado ao caixa do Sincovat, que reverte os valores em itens básicos aos atingidos.

O presidente do Sincovat, Luciano Muller, relembra que o

sindicato sempre esteve envolvido em ações de solidariedade e menciona que até hoje mantém contato com as vítimas da cheia de setembro de 2023. “As ações de auxílio aos necessitados nunca parou. Os volumes só mudaram conforme as demandas”.

A tesoureira Nicole Schneider enfatiza “nosso intuito é fazer uma entrega rápida e efetiva para quem precisa”. As ações do sindicato não se limitam à região

do Vale do Taquari, ela atende todos os municípios que tenham a necessidade de amparo.

Nicole ainda frisa que os itens mais importantes hoje são cobertores e roupas de inverno. “É necessário pensar no inverno. Precisamos de roupas compridas, colchões, travesseiros e cobertores. Tem gente dormindo no chão”. Voluntários podem ajudar com as doações ou doar pelo pix CNPJ - 90803974000104.

FOTOS DIVULGAÇÃO



Reconstruir Cruzeiro do Sul

A Associação Comercial e Industrial de Cruzeiro do Sul (ACICS), junto a empresários do município e comunidade, também se unem e criam o “Movimento Reconstruir Cruzeiro do Sul”. A iniciativa busca organizar, captar recursos e garantir que as pessoas desalojadas tenham um lar em um local seguro, para que possam reconstruir suas vidas.

O projeto foi criado após os danos causados pelas cheias na cidade, onde 42% da população está desalojada. Já foram contabilizadas mais de 1 mil casas totalmente destruídas, e outras 1 mil comprometidas.

Entre os objetivos do

movimento, está a busca de recursos de forma independente para alocação em projetos elencados pelo grupo por meio do pix 05.992.335/0001-57, da Associação Comercial e Industrial Cruzeiro do Sul. Além de apoiar o poder público e auxiliar na utilização dos recursos recebidos do governo no âmbito estadual e federal da melhor forma possível.

O grupo ainda objetiva direcionar as famílias atingidas pela enchente que perderam suas moradias e comércio, a não voltarem a morar em zonas de risco, criando um plano de ação a médio prazo para a realocação dessas famílias.

FUTURO DAS HABITAÇÕES

Após devastação, o desafio: reconstruir cidades e reabrigar pessoas no Vale

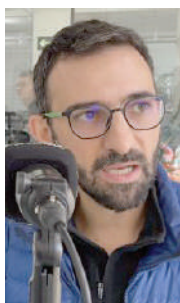
Iniciativas, como em Cruzeiro do Sul, buscam auxiliar o município na realocação de famílias e até de empresas para áreas seguras. Outras sugestões apontam para um Plano Diretor regional. Locais destruídos devem ter outra destinação

Mateus Souza
mateus@grupoahora.net.br

VALE DO TAQUARI

A enchente de setembro já havia deixado um rastro de destruição em diversos municípios da região. Cidades como Muçum e Roca Sales sofreram com a inundação do Rio Taquari. Desta vez, o fen meno foi mais generalizado. E a cheia de 33,35 metros foi capaz de varrer bairros do mapa, como ocorreu em Cruzeiro do Sul.

Por conta da inunda o histórica, cidades precisam se replanejar.  reas antes ocupadas por residências e comércios não terão mais condições de habitação. Famílias precisarão ser realocadas em locais distantes das zonas de risco. Este é um trabalho, no entanto, que



TIAGO GUERRA
DIRETOR-EXECUTIVO DA AGIL

Não temos esse dinheiro ainda, mas estamos no caminho e precisamos da ajuda dos empresários”

demandará tempo, planejamento e amplo aporte financeiro.

Em paralelo à necessidade de recursos estaduais e federais para garantir novas habitações, municípios têm cont  com o voluntariado e iniciativas da sociedade civil organizada. Nos últimos dias, movimentos significativos e com grande alcance surgiram com este propósito, como o “Uma casa por dia”.

Há, ainda, movimentac  es específicas com o propósito de reconstruir cidades. Cruzeiro



SÉRGIO DIEFENBACH
PROMOTOR DE JUSTIÇA

Se necessário, será preciso construir uma nova Cruzeiro do Sul. Em espaço seguro, e distante da zona de passagem da cheia”

do Sul é um dos municípios onde o empresariado se articula para auxiliar o Poder Público no processo de replanejamento urbano a partir da ocupação de áreas afastadas das margens do Taquari. O grupo passou a se reunir no começo dessa semana e segue mobilizado.

“Estamos no caminho”

Para solucionar o problema

da falta de residências para as vítimas da cheia de forma mais urgente, representantes do projeto “Uma casa por Dia” buscam apoio do Deutsche Bank, banco alemão, e consulado dos Estados Unidos.

O diretor-executivo da Agência de Desenvolvimento e Inovação Local de Lajeado (Agil), Tiago Guerra, e o mestre em filosofia política Gabriel Goldmeier, lembram que o presidente norte-americano, Joe Biden, têm já demonstrado interesse em doar ao estado. “Não temos esse dinheiro ainda, mas estamos no caminho e precisamos da ajuda dos empresários”, ressalta Guerra.

A Agil, trabalha junto a diferentes órgãos para que se possa viabilizar a construção dessas moradias. Goldmeier ressalta que não serão moradias temporárias, mas sim dignas, sustentáveis e fora de áreas inundáveis.

O projeto é uma parceria entre o poder público e privado, de forma que o governo cede terrenos públicos, e por meio de recursos privados, é realizada a contratação de uma construtora para edificação das casas de forma rápida. As residências serão pagas com dinheiro de doações de grandes empresas e fundos internacionais.

Soma de esforços

O grupo, juntamente com a Associação Comercial e Industrial de Cruzeiro do Sul (Acics) quer somar forças com a população, num movimento sem interesse político, para organizar, captar recursos e garantir que as pessoas voltem a ter um lar em um local seguro, para que possam reconstruir suas vidas.

O objetivo é buscar recursos de forma independente para alocação em projetos elencados pelo grupo por meio do PIX 05.992.335/0001-57 (Associação Comercial e Industrial Cruzeiro do Sul). A meta é apoiar o poder público e utilizar os recursos recebidos da melhor forma possível. O foco têm é criar um plano de a  o a médio prazo para a realocação dos atingidos pela enchente.

Proprietária da Irrigat Sistemas de Irrigação e apoiadora do movimento, Alessandra Hendler,



Bairros como o Passo de Estrela, em Cruzeiro do Sul, praticamente não existem mais

acredita no potencial do projeto, principalmente por ele aproximar empresários, poder público e comunidade.

“Cruzeiro do Sul nunca teve uma voz enquanto coletivo. O que a gente fez aqui foi reunir o comércio e a indústria, a sociedade e elementos importantes para pensar em um movimento de apoio”, frisou, em entrevista   R dio A Hora.

O projeto foi criado após os danos causados pelas cheias na cidade, onde 42% da população está desalojada. Já são 10 mortes confirmadas, nove desaparecidos, mais de mil casas totalmente destr  das e outras mil comprometidas.

Promotor de Justiça e apoiador do projeto, Sérgio Diefenbach afirmou que, se necessário, será preciso reconstruir uma nova Cruzeiro do Sul. “Porém, em espaço seguro, adequado e distante da zona de passagem da cheia, onde tem arraste e destruição”.



FELIPE NEITZKE

Especialistas defendem destinação de áreas atingidas para uso público, como parques



FELIPE NEITZKE

Plano Diretor regional

A partir da visão de que o rio não passa por um município, mas por todos e a ajuda precisa ser unificada, a elaboração e integração de um Plano Diretor Regional é defendida por especialistas, pois traria um planejamento mais adequado para momentos de catástrofes ambientais.

Conforme o arquiteto e urbanista Rodrigo Spinelli, devido a presença de áreas ambientalmente vulneráveis, principalmente nas encostas do rio, não há como trabalhar de forma mais isolada. “Sabemos que o Vale é a segunda região do estado em produção agrícola, nesse sentido, também existe uma forma de preservar essas regiões, a agricultura faz parte do espírito do Vale do Taquari.”

Ele ressalta que uma ferramenta para poder pensar que esse plano diretor integrado possa realmente ocorrer já existe na previsão do governo federal até por questões de lei e regramento. “Estamos recebendo muitos recursos do governo federal para poder desenvolver planejamentos, reparos e, para isso, talvez seja fundamental criar um grupo de trabalho na região”, frisa.

Outra ideia, conforme Spinelli, é fazer um consórcio dos municípios para que possam contratar profissionais técnicos habilitados para trabalhar nessa organização desse plano regional.

“É algo que pode ser pensado para os próximos 30 anos”.

Ocupação das áreas

Áreas de municípios que foram totalmente devastadas pela cheia devem ser repensadas, segundo a professora da Univates e coordenadora do Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (Emau), Jamile Weizenmann. Um exemplo é o Passo de Estrela, um dos bairros

mais populosos de Cruzeiro do Sul, onde a maioria das edificações ruíram com a força da correnteza.

“Essas áreas precisam ser reflorestadas, com uma ação muito forte na recomposição dessa mata ciliar. E, na sequência, precisam de algum tipo de fomento para que sejam ocupados por espaços públicos, como parques”, cita, destacando o exemplo do Parque Ney Santos Arruda, em Lajeado. “Por mais que tenha danos, ele serve para absorver essa água”.



RODRIGO SPINELLI
ARQUITETO E URBANISTA

Sabemos que o Vale é a segunda região do estado em produção agrícola. Nesse sentido, também existe uma forma de preservar essas regiões, a agricultura faz parte do espírito do Vale do Taquari.”

ENTREVISTA

AUGUSTO ALVES • arquiteto e urbanista e professor da Univates

"Localmente, necessitamos de projetos bem elaborados"

Profissional detalha como deve ocorrer o processo de reconstrução das cidades e alerta para que novas áreas a serem habitadas não dificultem acesso das pessoas a serviços básicos



resistem a sair, pois é o único imóvel que possuem.

De que forma as cidades devem planejar as novas áreas que receberão habitações?

Em um evento desta magnitude, com certeza precisamos de aporte financeiro da União, pois falamos de milhares de casas destruídas. E, localmente, necessitamos de projetos bem elaborados. Na enchente de setembro, muitos municípios não conseguiram acessar verba federal, pois não tinham estrutura alguma de planejamento, nem equipe técnica. O governo federal não vai sair distribuindo dinheiro assim. É preciso dar suporte para que sejam feitos bons projetos. E há situações que não podem se repetir, de colocar casas muito distantes da área central, como o caso do Nova Morada, em Estrela. Projetos assim não são a solução.

Como devemos iniciar a reconstrução num momento onde as famílias não tem para onde ir?

Esse processo deve ser feito por etapas e com certa urgência. Num primeiro momento tivemos toda essa importância do resgate e da ajuda humanitária. Agora precisamos pensar nisso. Sabemos que não dá para essas famílias ficarem para sempre nos abrigos, que não tem a infraestrutura adequada, e agora vem o inverno, o frio. Isso é terrível. Então, devemos ter urgência nisso.

O cenário é devastador em diversas cidades. O que fazer com essas áreas destruídas?

Ficou claro e evidente que esses locais não podem voltar a receber habitações. E aqui falamos do Passo de Estrela (Cruzeiro do Sul), Navegantes (Arroio do Meio), onde antes se cogitava uma reabilitação. Agora não resta dúvida. Por mais que possa doer para as pessoas deixarem seus bairros. E, em áreas inundadas, mas que não houve destruição, muitos



O governo federal não vai sair distribuindo dinheiro assim. É preciso dar suporte para que sejam feitos bons projetos”



ALDO LOPES

LIÇÕES DA TRAGÉDIA

Prevenção inicia pela consciência e aprendizado



Áreas urbanas atingidas e demora nos resgates faz com que o número de vítimas chegasse a 36 óbitos



GILBERTO SOARES
PUBLICITÁRIO E ESCRITOR

A maior enchente da história gaúcha deixou cicatrizes em toda a população do estado. Mais uma vez confirmou o despreparo das instituições públicas e dos moradores em lidar com situações extremas. Grupo A Hora prepara o “Educar-me”, programa voltado a educação ambiental nas escolas municipais

Filipe Faleiro
filipe@grupoahora.net.br

VALE DO TAQUARI

Os formatos de monitoramento dependentes do sistema eletrônico do Serviço Geológico do Brasil (SGB/CPRM), as previsões subestimadas da intensidade da chuva e da elevação do rio, criou um lapso de tempo para aplicação de planos de contingência.

Soma-se a isso o desconhecimento das pessoas em como

agir e se preparar para o pior cenário possível resultou em uma catástrofe sem precedentes. São pelo menos 36 óbitos no Vale do Taquari e dezenas de desaparecidos.

O nível do Rio Taquari alcançou uma cota inacreditável e mudou os paradigmas quanto à urbanização das cidades, áreas de inundação e modelos de construção. Como forma de mitigar novos episódios extremos, especialistas em recursos hídricos e catástrofes ambientais apontam dois caminhos: por meio das medidas estruturantes (construções de diques, barragens e reservatórios de retenção) e as não-estruturantes (campanhas de conscientização, regramento sobre uso e ocupação do solo, educação ambiental).

“No Brasil existem muitos atores. Choram depois da tragédia. Mas passa um tempo e esquecem. Não fazem nada para mudar”, aponta o pesquisador japonês, radicado no Brasil há 30 anos, Masato Kobiyama.

Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o cientista fundou o Grupo de Pesquisa sobre Catástrofes Climáticas, ligado ao Instituto de Pesquisas Hidrológicas (IPH\



MASATO KOBİYAMA
PESQUISADOR

No Japão, há desastres com muito mais frequência. Agora o Rio Grande do Sul começa a sentir os efeitos das mudanças climáticas. O problema é que ninguém está preparado o suficiente.”

Ufrgs).

“No Japão, há desastres com muito mais frequência. Agora o Rio Grande do Sul começa a sentir os efeitos das mudanças climá-

ticas. O problema é que ninguém está preparado o suficiente”, frisa Kobiyama.

Para ele, o primeiro passo para reduzir os danos provocados pelos eventos climáticos extremos é comportamental. “A educação é o melhor caminho. Cada família, cada pessoa, tendo seu plano de reação e preparada com antecedência”, acredita.

Do ponto de vista da organização regional, o pesquisador acrescenta a importância de melhorias no monitoramento e comunicação entre autoridades políticas, forças de segurança, defesas civis e também de líderes comunitários e empresariais.

Mais conhecimento

A tônica voltada à educação apontada pelo professor Kobiyama é enaltecida por outros especialistas. A engenheira ambiental, doutoranda em Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental, Sofia Moraes, também acredita que medidas não-estruturantes devem ser o início, junto com isso, pondera a importância de apro-

“Não podemos mais ignorar a importância de estarmos atentos à questão ambiental. Temos uma visão antropocêntrica, de que tudo gira em torno do homem. Temos que mudar para uma forma biocêntrica.”

fundar os conhecimentos sobre o comportamento dos mananciais hídricos.

Na avaliação dela, o sistema do SGB/CPRM precisa ser ampliado. “Há muitas críticas ao trabalho, mas é o que temos hoje. O serviço tem suas limitações, é preciso reconhecer. Antes de desacreditar o sistema, é preciso melhorá-lo.”

Essa qualificação, diz, passa por mais réguas, sejam de leitura digital quanto de formato visual – a chamada redundância nas leituras. O formato atual do serviço geológico tem 15 aparelhos, com medições nos rios Guaporé,



Destruição da enchente histórica serve como evidência para melhoria dos sistemas de monitoramento, previsão e socorro, dizem especialistas



SOFIA MORAES
PROFESSORA DA UNIVATES

“Há muitas críticas ao trabalho (do CPRM), mas é o que temos hoje. O serviço tem suas limitações, é preciso reconhecer. Antes de desacreditar o sistema, é preciso melhorá-lo.”

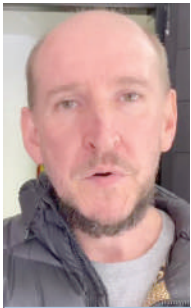
Forqueta, Carreiro, Antas e Taquari. Também pega alguns efluentes menores, vindos de Vacaria e do parque Aparados da Serra. Alguns trechos ficam no escuro, ressaltava Sofia. Como efeito, as enchentes vindas de arroios, como o Sampaio, Castelhana, Engenho, Boa Vista, não são possíveis de medir quando encontram o Rio Taquari. O mestre em geoprocessamento e sensoriamento remoto, Rafael Eckhardt, acrescenta a necessidade de estações pluviométricas, responsáveis por confirmar o volume de chuva que cai sobre os mananciais.

Essa ferramenta traria melhores condições de avaliação sobre o previsto e o que de fato choveu. “Pela característica da bacia hidrográfica, precisamos reduzir as limitações. Entre elas, está a previsibilidade da chegada da enchente nas áreas habitadas. Temos de conviver melhor com o rio.”

Clima como disciplina escolar

Após a enchente de setembro (a maior até o episódio de maio), instituições de ensino, líderes locais e representações do poder público formaram um comitê para estudar medidas para mitigar os efeitos das cheias. Este grupo elaborou uma carta do Vale do Taquari, com ações e responsabilidades sobre monitoramento, prevenção e contingências nos momentos críticos. O documento foi escrito após o Seminário Pensar o Vale Pós-Enchentes, promovido pelo Grupo A Hora.

Entre as ações, o grupo aponta a necessidade de tornar o assunto das catástrofes ambientais mais presente nas salas de aula. Conforme o diretor executivo, Adair Weiss, o programa “Educa-me” visa complementar os aprendizados para que as próximas gerações tenham mais repertório e resiliência frente aos abalos ambientais. A iniciativa terá o lançamento de um livro voltado aos professores e de uma cartilha para alunos. “Não podemos mais ignorar a importância de estarmos atentos à questão ambiental. Temos uma visão antropocêntrica, de que tudo gira em torno do homem. Temos



RAFAEL ECKHARDT
PROFESSOR DA UNIVATES

Pela característica da bacia hidrográfica, precisamos reduzir as limitações. Entre elas, está a previsibilidade da chegada da enchente nas áreas habitadas. Temos de conviver melhor com o rio.”

Saiba mais

A bacia hidrográfica do Taquari/Antas tem **119 municípios**

É a maior bacia do país em número de cidades

Representa **9%** da área do Rio Grande do Sul

São **27 mil quilômetros quadrados** de área total

Pega rios da parte alta (Carreiro, Guaporé, Prata, Antas, Forqueta, além de vários córregos e arroios). Todos se unem ao Taquari

O Rio Taquari tem uma extensão de **156,6 quilômetros**

Passa por um total de **37 municípios (mais de 360 mil habitantes)**

que mudar para uma forma bio-cêntrica, ou seja, a humanidade estar incluída dentro da natureza, com o menor impacto possível no ambiente”, diz o publicitário e escritor, Gilberto Soares. Ele é o autor do livro que será uma das bases do “Educa-me”. Em um primeiro momento, o alcance será regional, voltado às redes públicas municipais. “O programa inicia de forma pioneira no Vale do Taquari, voltado às cidades da região, com todo um caminho possível para se estender para outras localidades.” Pelo cronograma do projeto “Educa-me”, o lançamento oficial será em 5 de junho. Enquanto o livro será apresentado em 5 de setembro.

Medidas não-estruturantes para controle

- Regulamentação do uso e ocupação do solo, com delimitação de áreas sujeitas a inundações.
- Educação ambiental para preparo das comunidades para eventos extremos.
- Sistemas de alerta e previsão de inundações.
- Incentivos fiscais para uso prudente da área de inundação.
- Medidas estruturantes para controle de enchentes
- Canalização e obras correlatas para acelerar o escoamento da água.
- Reservatórios para reter temporariamente água durante tempestades.
- Restauração de calhas naturais para retardar o fluxo de água.
- Recomposição de cobertura vegetal e controle de erosão do solo.
- Construções de barragens e diques para reduzir a velocidade das inundações.

Estrutura atual no Vale do Taquari

Equipamentos em uso do SGB\ CPRM e modelo de atuação



MONITORAMENTO

São 30 pluviômetros (medir a quantidade de chuva) e 16 réguas (nível do rio) na bacia Taquari/Antas



MUNICÍPIOS ATENDIDOS

Monitoramento e previsão: Santa Tereza; Muçum; Encantado; Estrela; Lajeado; Bom Retiro do Sul; e Taquari. Apenas com sistema de monitoramento: Roca Sales; Colinas; Arroio do Meio; e Cruzeiro do Sul.



SISTEMA DE ALERTA

São cinco etapas: previsão Meteorológica, monitoramento hidrológico, estimativa de vazão (previsão hidrológica), emissão de boletins de alerta e interação com a Defesa Civil. Quanto maior o tempo de antecedência da previsão, maior a incerteza sobre o tamanho do evento.



Área central de Lajeado. Enchente foi mais de três metros acima em relação a setembro



365vezesnoval dotaquari@gmail.com

FÁBIO KUHN

Os campings do Vale precisam de ajuda

Desde os tradicionais campings banhados pelo rio Forqueta, em Marques de Souza, até estruturas de veraneio montadas em riachos de pouca vazão. Praticamente todos os empreendimentos desse setor foram duramente impactados pela catástrofe climática no início de maio. Nesta coluna, me ateno a dois pontos turísticos que pedem ajuda para recomeçar.



Com menos de três anos em atividade, **Camping dos Vales** já chamava atenção dos turistas em Arvorezinha

Camping dos Vales

Instalado na Linha Lajeado Ferreira, interior de Arvorezinha, o Camping dos Vales teve toda a estrutura levada pelas águas. O espaço de lazer tinha banheiros com chuveiro quente, quiosques comunitários, pias, churrasqueiras, pontos de luz e campo de futebol. Na semana passada, o proprietário Samuel Campanha divulgou nas redes sociais um vídeo emocionante pedindo ajuda para recomeçar. O camping foi aberto há apenas dois anos e sete meses, mas já era muito querido pelos seus frequentadores. Interessados podem auxiliar o camping através de doações pela Chave pix celular: (51) 98015-4175.



Antes



Camping Paraíso Tropical V13

Nos pés do famoso Viaduto 13, em Vespasiano Corrêa, o Camping Paraíso Tropical V13 teve sua área desfigurada pela correnteza. A água arrasou o jardim onde ocorriam os acampamentos, além de impactar a estrutura física composta pelo restaurante e cabanas para hospedagem. Com o apoio da Terratrips Aventuras, o empreendimento iniciou uma vaquinha para angariar recursos à reconstrução. As doações podem ser feitas pela chave pix CNPJ: 21.828.772.0001.96.

Reconstrução de um símbolo

A Ponte de Ferro sempre foi muito mais que apenas travessia entre Arroio do Meio e Lajeado. Se trata de um dos cartões-postais do Vale com cenário maravilhoso da junção dos rios Forqueta e Taquari. Por isso, o movimento "Juntos pela ponte" carrega consigo um simbolismo que vai além da importante questão logística. Doações podem ser feitas pela chave pix e-mail: novapontedeferro@gmail.com.



FÁBIO ALEX KUHN

Memórias por Raica Franz Weiss



A maior enchente da história



Em Lajeado, na rua Santos Filho, a água quase alcançou a rua Júlio de Castilhos

Nos quase 200 anos de colonização do Vale do Taquari, não se tem registro de uma enchente tão grande e destrutiva quanto à deste mês. Como falar do passado, quando o presente é a história?

O rio alcançou os 33,35 metros em Lajeado no dia 2 de maio, superando a marca histórica de 1941, de 29,92 metros. Em 2018, a engenheira ambiental

Sofia Moraes elaborou um estudo que analisava as enchentes nos últimos 36 anos.

Se o Taquari seguisse o mesmo comportamento, a probabilidade de ocorrer uma cheia que superasse os 30 metros era de 0,01%. Isso vai ao encontro do imaginário popular de que uma enchente maior a de 1941 jamais aconteceria.

Além disso, um estudo

recente aponta que a tradicional metragem de 29,92 metros estaria incorreta e que, na verdade, em 1941, o rio Taquari teria chegado somente aos 28,87 metros. De acordo com o estudo, as três maiores cheias da história da região teriam acontecido no período dos últimos nove meses e, por isso, também reconfiguram a probabilidade de inundações desse porte.

1873

Pesquisas citam que uma grandiosa enchente avançou sobre a região em 1873. Até o início deste mês, esta inundação era uma das maiores que se tinha registro. O historiador Wolfgang Collischonn considera possível que, em 1873, o fundador de Lajeado, Antônio Fialho de Vargas, tenha anotado os pontos até onde a enchente chegou.

Talvez, Fialho tivesse levado em consideração essas marcas ao doar os terrenos para a praça, a igreja e o cemitério da cidade. Já que, nas cheias de 1941 e de setembro de 2023, as águas não alcançaram esses locais.

A grande enchente de 1873 também pode ter motivado a criação da Paróquia Santo Inácio de Loyola, em 1881. As constantes cheias impediam que os padres, residentes em Estrela, viessem atender a pequena vila de Lajeado. Assim, uma igreja própria foi construída ainda no século XIX.

Além disso, foi essa inundação que incentivou a construção da Casa do Morro de Cruzeiro do Sul. Em 1873, a casa da família Azambuja, próxima ao rio, foi destruída pela força das águas. Assim, o Coronel Primórdio Centeno Xavier de Azambuja ergueu uma nova estrutura no alto do morro, longe do rio.

1956

Naquele ano, Roca Sales foi um dos municípios mais atingidos, as ruas centrais ficaram inundadas pelas águas. Conforme o jornal A Voz do Alto Taquari de 1956, em Roca Sales, a enchente superou a de 1941.

No mesmo jornal, datado de abril, um relato que muito se assemelha à tragédia deste ano. “O povo de Lajeado ficou consternado. As ruas se encheram de curiosos. Nas esquinas se viam grupos de famílias pobres, sem lar, sem nada.”

Maiores enchentes

- 1ª - 2 de maio de 2024 – 33,35m*
- 2ª - Maio de 1941 – 29,92m**
- 3ª - Setembro de 2023 – 29,62m***
- 4ª - Novembro de 2023 – 28,94m
- 5ª - Abril de 1956 – 28,86m
- 6ª - 13 de maio de 2024 – 27,78m
- 7ª - Janeiro de 1946 – 27,40m
- 8ª - Julho de 2020 – 27,39m
- 9ª - Setembro de 1954 – 27,35m
- 10ª - Outubro de 2001 – 26,95m
- 11ª - Julho de 2011 – 26,85m
- 12ª - Outubro de 2008 – 26,65m

*Medição conforme dados do Governo de Lajeado.
**Medição clássica, porém um novo estudo aponta que a medição correta seria de 28,87 metros, classificando a cheia de 1941 em 4º lugar.
***Medição conforme dados do Governo de Estrela.
Demais dados são do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da engenheira ambiental Sofia Moraes.

1941

Ninguém acreditava que a enchente de 1941 poderia ser superada. Em Lajeado, relatos citam que a água do rio Taquari teria chegado até a rua Borges de Medeiros, quase no Colégio Madre Bárbara. Neste ano, o rio alcançou quase dois metros dentro da escola e avançou duas quadras além.

Poucas pessoas viveram as duas enchentes, separadas por 83 anos. Moradora de Lajeado, Ernesta Kerta de Souza Pfaff, 96, conhecida como Dona Guerta, é um dos raros exemplos. Hoje, ela não mora em área de risco, mas, a cada vez que as chuvas intensas chegam ao município, ela relembra de 1941, quando, aos 13 anos, ajudou a subir os móveis na casa da avó, no centro da cidade.

Naquela época, com pouca habitação, os danos não foram tão severos. Ela lembra que a água

era limpa e as crianças brincavam no rio. A destruição teve uma proporção bem menor, já que Lajeado era ainda um pequeno núcleo urbano.

Em 1941, choveu no Rio Grande do Sul por 20 dias seguidos entre abril e maio. Não somente a bacia Taquari-Antas transbordou, como em Porto Alegre, o Guaíba também inundou a cidade, chegando aos 4,7 metros. Fotos mostram barcos na rua das Andradas. Neste ano, a água subiu até os 5,25 metros na capital.

Na capa do jornal O Taquaryense de 10 de maio de 1941 a percepção da época: “Os habitantes desta cidade assistiram, com a atual cheia do Rio Taquari, um espetáculo doloroso que jamais se apagará da memória dos que tiveram a ventura ou desventura de assisti-lo.”



Em 1941, a água chegou até a esquina da Avenida Benjamin Constant com a rua Borges de Medeiros em Lajeado. Na foto, aparece a rua Marechal Deodoro e o antigo Cine Avenida



Foto de 1956, em Estrela. O atual Parque Princesa do Vale estava coberto de água. Ao fundo, a Escola Vidal de Negreiros

2010

Entre as maiores cheias da região, está a enchente dos rios Forqueta e Fão de 2010, que devastou as cidades de Marques de Souza e Travesseiro. O dia era 4 de janeiro, por volta do meio-dia, quando o nível da água começou a subir de forma rápida.

Relatos da época contam que a água invadiu as casas em menos de 1h e impossibilitou a retirada de materiais. O grande volume de precipitações aumentou o nível dos rios, que arrastaram casas. Apesar dos prejuízos, nenhuma morte foi registrada. Relatos falam que só não houve óbitos porque a enchente veio durante o dia.

Os campings, famosos em Marques de Souza, ficaram irreconhecíveis. Uma das cenas mais chocantes foi o Cemitério Católico de Tamanduá, onde as covas foram reviradas. Crânios e ossos estavam espalhados pelo terreno. Na época, os governos municipais falavam que eram necessários mais de R\$ 20 milhões para recuperar pontes, estradas e pinguelas afetadas pela cheia.



Os campings, famosos em Marques de Souza, ficaram irreconhecíveis

2023

Em setembro do ano passado, o rio Taquari chegou aos 29,62 metros, ainda 30 cm abaixo da cota máxima da cheia de 1941. Entretanto, um estudo recente publicado por historiadores e especialistas na área, como Sofia Moraes, Walter Collischonn, Franco Turco Buffon e Rafael Rodrigo Eckhardt, ratifica a informação.

O documento “Revisão e consolidação da série histórica dos níveis das cheias do rio Taquari em Lajeado de 1939 a 2023”, mostra que houve um erro na estimativa da posição da régua que existia na época para a mediação do rio. De acordo com os especialistas, caso a cheia de 1941 ocorresse hoje, ela mediria 28,87 metros na régua atual.

É isso que se observa no Colégio Evangélico Alberto Torres (Ceat) de Lajeado. Nos anos 1960, a escola ampliou sua estrutura e levou em consideração o alcance das águas de 1941.

“Diziam que nenhuma enchente superaria aquela. A laje mais baixa do prédio respeitou o nível máximo que a água chegou, de 29,92m”, conta o professor Ladair Rahmeier, que acompanhou a construção na época. Em setembro, no entanto, a cheia superou em quase 80 cm a altura do prédio do Ceat.



Em setembro de 2023, as águas do Taquari alcançaram a Avenida Benjamin Constant em Lajeado pela primeira vez, na esquina com a rua Santos Filho



Compare o nível na Escadaria de Estrela



1941

Enchente em Estrela
5-5-41



2023



2024